

Cerco à invasão termina em morte

Ana Angélica da Cunha só queria um "cantinho" para morar ao lado do marido e dos dois filhos, livre do preço exorbitante dos aluguéis. Imaginou ter conseguido isso ao invadir, junto com outras dez mil pessoas, terrenos baldios de propriedade do governo em Taguatinga Sul. O sonho da morada própria durou exatamente nove dias. E virou tragédia na terça-feira, às 6h45min, quando o filho menor, Ronaldo Falcão, de um ano e seis meses, caiu em uma cisterna de pouco mais de dois metros de profundidade e

morreu afogado.

O acidente aconteceu durante o cerco policial promovido à invasão — ironicamente batizada de "Nova República" — por ordem do governador José Aparecido. Mas passou despercebido às autoridades do Distrito Federal empenhadas em demolir os mais de dois mil casebres erguidos no local a partir do dia 2. Só uns poucos vizinhos se preocuparam com o destino de Ana Angélica após a morte do filho, enterrado numa cova rasa no cemitério Campo de São Francisco, em Taguatinga, anteontem de

manhã, sob os olhares amargurados dos parentes.

FATALIDADE

De volta à sua antiga morada, na QNO 13, conjunto L, casa 2, em Taguatinga Norte, Ana Angélica se queixa do tratamento dispensado pelo Governo aos invasores da "Nova República", uma reedição em escala ampliada da quase erradicada invasão da Boca da Mata. "O Governo tem que aceitar a gente pobre ao seu redor. Não pode continuar (nos) escorraçando assim, co-

mo bichos", desabafa. Ela não arrisca acusar ninguém pela "fatalidade" do acidente: "Não culpo ninguém. Só Jesus quem sabe. Se foi vontade dele levar meu filhinho ... não culpo ninguém". O pranto de Ana Angélica não a deixa esquecer, porém, que "se o Governo não tivesse mandado a polícia lá para impedir que as pessoas entrassem na invasão com material de construção, a cisterna não estaria sem tampa, eu teria construído meu barraco e a esta hora meu filho estaria brincando ao meu lado".